

esporte

A celebração da derrota

Quando o grande perde do pequeno, a regra é falar mais do derrotado. Não é o caso

Juca Kfourri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Foram madrugadas e mais madrugadas. Noites insones. E o placar não se alterava. Faltavam seis pontos. Duas cestas de três. Uma diferença igual ao 7 a 1. Parecia tão fácil. E nada!

Quando, enfim, a derrota se consumou, o mundo civilizado explodiu de alegria.

Sim, o mundo civilizado saudou menos o vitorioso e se alegrou mais por causa de quem perdeu.

Nada contra quem venceu, principalmente por ela. Time grande, sem dúvida, cu-

jo triunfo, em regra, deveria ser comemorado como tal. Só que qualquer um seria melhor que o derrotado, razão pela qual, excepcionalmente, os rojões explodiram pelos céus do planeta em regozijo pelo fim de quem, patético, não sabe nem perder.

A criança mimada, o presidente milionário do clube dos patifes, expulso pela torcida da poderosa Casa Branca que empestou, está fora do jogo, incapaz de participar do segundo tempo, como é quase regra no campeonato que

disputou.

É preciso ser muito perna de pau para perder mesmo com a maioria dos juízes ao seu lado, além do poderio da máquina sob seu comando.

Alijado com requintes de crueldade, a goleada deixada para os acréscimos da partida, as últimas cartadas vindas pelo correio neste mundo digital.

Deixa uma porção de viúvas, todas incapazes de olhar além dos próprios umbigos, dinheiristas, gananciosas, abjetas, geneticamente mentiro-

sas. Não há VAR que as salve.

A expectativa durante cinco longos dias e noites tornou impossível observar com a atenção merecida uma porção de outros jogos espalhados pelo planeta bola.

No primeiro gol da sofrida, e sofrível, virada do São Paulo sobre o lanterna Goiás, a bola entrou? Jamais saberemos.

E o pênalti que deu o lastimável empate ao Corinthians em Goiânia, realmente aconteceu? Francamente, não!

Mas que importância têm tais lances diante do testemu-

nhado por bilhões de pessoas mundo afora, a vitória da democracia sobre o populismo de extrema-direita?

Diante da apoteótica virada do homem comum, com seus defeitos e qualidades, em cima da figura patológica, e sob o risco, se insistir na infame tese da fraude, de ser retirada do trono pela Força Nacional?

Nunca um domingo, rara leitora, raro leitor, atendeu tanto à ideia de seu criador como o dia do descanso, a ser dedicado à ressaca cívica depois de semana tão intensa.

Sim, teve ainda o Palmeiras contra o Vasco, embate entre dois gigantes brasileiros comandados por dois treinadores lusitanos, sinais da globalização, e o Santos sem seu técnico infeccionado pela Covid-19 que os negacionistas derrotados insistem em minimizar, com consequências trágicas para a humanidade.

Além de Galo x Flamengo, "o" jogo da 20ª rodada, para não falar de Manchester City x Liverpool.

A goleada de esperança iluminista acontecida nos Estados Unidos tornou tudo mais em secundário.

Nesta segunda-feira (9), não sejamos ingênuos, o mundo, e o Brasil, especialmente, seguirão palcos da injustiça da fome, da falta de moradia, de saúde, de educação, do racismo, homofobia, machismo, desrespeito ao meio ambiente, da minoria milionária e da maioria excluída.

Mas, ao menos, com esperança, outra vez.

Até o gênio da raça Darcy Ribeiro não teria vergonha de estar ao lado dos vencedores.

Oxalá o próximo dia 15 signifique o começo da reação contra o obscurantismo também por aqui.

É hora de virar o jogo.

| DOM. Juca Kfourri, Tostão | SEG. Juca Kfourri, Paulo Vinicius Coelho | TER. Renata Mendonça | QUA. Tostão | QUI. Juca Kfourri | SEX. Paulo Vinicius Coelho | SÁB. Katia Rubio

Primeiro gavião ainda é modelo para a torcida corintiana

Flávio La Selva, fundador da Gaviões da Fiel, teve atuação destacada dentro e fora do clube do Parque São Jorge

Marcos Guedes

SÃO PAULO Há um comentário recorrente no Corinthians quando aparecem membros de torcidas organizadas para protestos na sede do clube. "Chegaram os desembarcadores", dizem, em tom jocoso, aqueles que consideram os manifestantes desocupados.

A ironia carrega a ideia de que os torcedores são humildes demais e não têm apreço pelas leis. Os sarcásticos só talvez desconheçam que alguns dos fundadores da Gaviões da Fiel realmente se tornaram desembarcadores e que seu grande mentor era um homem extremamente culto.

Flávio La Selva (1948-1988) deu aulas de português, francês e latim. Quando criou a Gaviões e se tornou seu primeiro presidente, era aluno da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, no largo São Francisco — de onde saíram vários membros da torcida que brotou despreziosamente de 1964 até sua fundação oficial, em 1969.

Essa história é contada no recém-lançado "O Escudeiro de São Jorge — Flávio La Selva e a Gaviões da Fiel" (Observador Legal). Os autores são Wanda La Selva, 61, irmã de Flávio, e Durval de Noronha Goyos Júnior, 69, um dos jovens estudantes que há meio século se sentiram atraídos pelo Corinthians e pela figura carismática do primeiro gavião.

Flávio morreu jovem, aos 39 anos, por causa de um câncer, mas viveu o suficiente para deixar marcas indeléveis. Elas mal couberam na biografia, tamanho o alcance do paulistano, que foi líder católico, teólogo, linguista, advogado, professor, dirigente de escola de samba, procurador da Alesp (Assembleia Legislativa paulista)... "Intensamente. Intensamente. Ele viveu intensamente", diz Wanda.

"Meu pai, um trabalhador que se dedicou demais para educar dois filhos, falava: 'Nossa, eu não fiz um terço do que fez o Flávio com 39 anos!'"

Com sua voz mansa e uma retórica que misturava o Sócrates grego e o Brasileiro, La Selva foi além de juntar alvinegros na curvinha da arquibancada do Pacaembu. Ele é

considerado, até hoje, um modelo a ser seguido para os corinthianos em geral e para os gaviões em particular.

O estilo agregador do paulistano o fez ser admirado em diferentes círculos: da Igreja, tendo ótima relação com o cardeal dom Paulo Evaristo Arns, às escolas de samba de São Paulo, que viviam momento conflituoso e foram pacificadas com sua atuação. Querido também entre rivais, foi padrinho de casamento de Cosmo Damião Cid, presidente da Torcida Jovem do Santos.

"Ele era um diplomata, um gigante do diálogo. Falava com todos e tinha uma formulação de diálogo socrático. Nunca agredia a posição das pessoas. Ele perguntava. E a pessoa, o interlocutor, não percebia que estava sendo contestado, era levado a entender o próprio erro, o próprio equívoco, a impertinência de sua posição por meio das perguntas", afirma Goyos Júnior.

Isso não significava que Flávio não fosse combativo, e essa característica foi decisiva quando a Gaviões tomava forma. O Brasil vivia uma ditadura militar — endurecida com o AI-5, ato institucional que suprimiu direitos fundamentais em 1968 —, e a situação do Corinthians era difícil.

Em um jejum de títulos iniciado ainda na primeira metade da década anterior, o clube era presidido desde 1961 por Wadih Helu, membro do partido da ditadura, a Arena. Com um Conselho Delibera-

tivo conivente, o político vendeu cinco eleições sucessivas e foi se perpetuando no Parque São Jorge, o que La Selva via também como uma ditadura.

Aos olhos dos jovens progressistas que se aglutinavam em torno de Flávio, Helu se tornou um de símbolo de tudo o que havia de errado no Brasil e no Corinthians. A Gaviões se organizou com o claro intuito de derrubá-lo e teve influência grande nas eleições de 1971, quando o cartola foi finalmente derrotado.

"É muito engraçado quando você vê algum gavião ou alguém no Corinthians falando que não se mistura política com futebol. [Se não fosse isso,] a Gaviões não teria nascido. Nós começamos misturando política com futebol", diz o publicitário Chico Malfitani, 70, membro da organização desde os primeiros anos.

"A Gaviões nasceu para interferir na política do clube. Depois, com o tempo, a gente foi percebendo de que lado estava o sistema. Muita gente criou consciência de liberdade e democracia na arquibancada. Eu fui uma dessas pessoas. Vi de que lado estava a polícia, a Justiça, vi como era defendido o cara que apoiava a ditadura", diz Malfitani.

Ficaram famosos os "capanças do Wadih Helu", homens fortes escalados pelo presidente para intimidar os descontentes na torcida, mas a tática não funcionou. Ao contrário, a perseguição do dirigente à organização e suas tentativas de silenciá-la acabaram tornando mais popular.

A ousadia cresceu a ponto de os corinthianos exibirem uma faixa, em 1979, em jogo contra o Santos, cobrando "anistia ampla, geral e irrestrita" aos que lutavam contra a ditadura. Já no processo de democratização, o famoso comício das Diretas Já, no vale do Anhangabaú, em 1984, teve vários ônibus que saíram da Gaviões, com a logística definida por Flávio La Selva.

Esses episódios foram lembrados neste ano, quando membros da Gaviões organizaram manifestações contra o presidente Jair Bolsonaro. Antes, em 2018, o presidente da uniformizada, Rodrigo Gonzales Tapia, o Digão, pu-



1



2



Flávio La Selva, fundador da Gaviões da Fiel, com faixa do Corinthians campeão paulista de 1977 1 e sentado ao piano 2; a carteirinha número 01 da Gaviões 3 com foto de La Selva

blicou um texto intitulado "Gavião não vota em Bolsonaro", no qual lembrava o passado da torcida e a simpatia do candidato ao regime militar.

"Mas isso é evidente", diz Goyos Júnior, tomando seus cuidados de advogado para assegurar que o posicionamento firme seria apoiado por La Selva. "Eu não tenho a menor dúvida. Ele não me mandou uma procuração do céu, mas, assim que tiver a oportunidade, eu te exibo. Protesto pela juntada posterior!"

Já Wanda La Selva não tem tanta certeza de que Flávio apoiaria a posição manifestada pela Gaviões. A irmã do sócio número um ainda é associada da torcida e participa de suas ações assistenciais, mas considerou autoritária a contraindicação ao voto em Bolsonaro e tem restrições também aos episódios de violência ligados à uniformizada.

"A sociedade mudou muito, como um todo. Falei com amigos do Flávio que me falaram: 'Nossa, se ele estivesse vivo, levaria a torcida, não deixaria chegar ao patamar que chegou'. Você vê determinadas coisas e não concorda", diz.

Se não vê a alma do tolerante La Selva em tudo o que a Gaviões se tornou, Wanda ainda a enxerga nos programas sociais da organização. Ela contribui com essas iniciativas da entidade fundada pelo irmão e também carrega no sangue a indignação que marcou a atuação dele no Corinthians.

"O Andrés [Sanchez] não quer sair", reclama, referindo-se ao atual presidente do clube, líder do grupo político que está no poder desde 2007. "Ele não quer sair, mas tem que sair. Será que estamos voltando à era Wadih Helu?"

A Gaviões também tem sido crítica. A organização, que já foi questionada por ter sido anteriormente próxima de Sanchez, não tem poupado o cartola nos protestos que vem realizando em um 2020 ruim para o time. "Alô, Andrés, seu vagabundo, sai do Corinthians e leva todo o mundo" foi um dos gritos entoados em manifestação no mês passado.

Eram os tais "desembarcadores", criticados por quem torce o nariz para torcedores organizados. Eles dão de ombros para a reprovação e agem com determinação os primeiros estatutos da Gaviões, batidos na máquina de escrever de La Selva: "Nós nos reservamos o direito inalienável de participar da vida política e administrativa do Club".

"O Flávio será eternamente lembrado por nós. Foi um dos caras que idealizaram e tiraram do papel a ideia de formar a maior torcida organizada do Brasil. Acho que nem ele imaginava que os Gaviões seriam esse movimento tão grande", diz Digão, presidente de uma entidade que hoje contabiliza mais de 110 mil associados.